

Discurso na entrega da Medalha Pedro Ernesto ao Paulo Saboya

Nesta **Casa de Montezuma** hoje é dia de festa.

E aqui festa é sempre a lembrança das lutas pelo direito, pela democracia, pela liberdade.

Mas só nos últimos 165 anos!

A festa de hoje é marcada por um encontro histórico de momentos distantes no tempo, mas bem iguais e próximos nas marcas do combate.

Hoje vem a esta Casa a figura histórica de Pedro Ernesto, que combateu a ditadura mais antiga, nos anos 30, para prestar homenagem a Paulo Saboya, que combateu a ditadura mais recente, nos anos 60 e 70.

Como Prefeito do antigo Distrito Federal, Pedro Ernesto participou ativamente das lutas pela democratização do país e esteve ao lado da Aliança Nacional Libertadora na Insurreição Armada de 27 de novembro de 1935.

No célebre inquérito do delegado Bellens Porto, está colocado como figura das mais destacadas do movimento:

“Diante das peças examinadas, não há como fugir à evidência, e somos por isso forçados a aceitar as ligações estreitas, os compromissos que existiam entre os chefes da revolução e o Dr. Pedro Ernesto.

“É sabido, e os próprios revoltosos não negam, inclusive PRESTES, que os acontecimentos do Nordeste vieram precipitar a insurreição armada nesta capital; constitui fato do domínio público que o nome do Sr. Prefeito do Distrito Federal, era citado e apontado a “unavoce”, como um dos incitadores do movimento encabeçado pela ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA; eram conhecidas de todos as suas simpatias que se traduziam na cessão de edifícios públicos (teatros, estádios, etc.), para

realização de seus comícios, justamente quando o Governo Federal decretava o seu fechamento, em face das atividades extremistas que ela exercia.

.....

“Debelada, porém, pelo Governo a insurreição de 27, as atividades do acusado não cessaram, elas convergiram então no sentido de auxiliar o preparo da uma nova rebelião. ... pela prestação de informes e pela entrega de algumas quantias em dinheiro aos chefes rebeldes, ainda em liberdade...”

O primeiro ato expresso de apoio ao movimento revolucionário foi ceder o Teatro João Caetano para a instalação solene da Aliança Nacional Libertadora, com discurso de um jovem estudante – e aqui entra a história dando suas voltas – um jovem estudante radical chamado Carlos Lacerda, que lançou o nome de Luis Carlos Prestes para Presidente de Honra da organização revolucionária. E cabe lembrar que como secretário foi eleito o advogado Francisco Mangabeira, professor de muitos dos que aqui estão.

Algun tempo depois teve a prisão decretada pelo Tribunal de Segurança Nacional juntamente com dirigentes e militantes da ANL como Olga Benário, a revolucionária de dois mundos, Lourenço Moreira Lima, advogado que se tornou conhecido como o “bacharel feroz”, porque se especializou em queimar cartórios dos registros de imóveis pelo interior do país, a escritora e carnavalesca, do Baile do Pierrot, Eneida de Moraes, Manoel Venâncio Campos da Paz, o médico famoso, Hermes Lima, o professor de Introdução à Ciência do Direito de nós todos, e, muito depois, Primeiro Ministro do governo Jango, Armanda Álvaro Alberto, Eugenia Álvaro Moreira e Maria Werneck, militantes da União Feminina do Brasil, jornalistas de grande prestígio e combatentes de todas as lutas, enfim, todos aqueles que mais tarde se tornaram os personagens imortais de Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos, e quase todos defendidos no Tribunal de Segurança por Sobral Pinto.

É esta a figura de Pedro Ernesto na honrosa medalha que a Câmara dos Vereadores traz ao peito aberto do combatente Paulo Saboya.

É o encontro histórico dos que sempre lutaram contra o fascismo e as ditaduras.

Nos idos de março de 64, o ainda estudante Saboya era diretor do Sindicato dos trabalhadores da fábrica de borracha sintética da Petrobrás, o Conjunto Petroquímico Presidente Vargas, e participava da direção do movimento de greve dos trabalhadores do petróleo, que acreditavam candidamente que iam impedir os militares golpistas de tomarem o combustível para seus tanques e caminhões.

Doce ilusão dos jovens combatentes da democracia e da liberdade, que ignoravam totalmente que o chefe civil do golpe, governador de Minas Gerais, já tinha estocado há meses em seu estado combustível suficiente para abastecer as tropas golpistas em uma longa luta.

Pior ainda, não sabiam também que naquele momento histórico já entrava no Atlântico Sul a VI Frota norte-americana como integrante da chamada Operação Brother Sam, que entre os navios de guerra trazia petroleiros suficientemente carregados para sustentar uma longa guerra, como foi confessado muitos anos depois pelo embaixador americano Lincoln Gordon.

Depois da derrota, a longa noite da ditadura.

Vida clandestina, prisões, fugas, exílios e a luta pela redemocratização.

E a construção da vida de advogado, a entrada na OAB, as primeiras batalhas, no foro e nas ruas. Nos processos dos clientes e nos atos públicos pela democracia.

Nessa luta, amadurece o espírito, ganha mais forças e pode sempre avançar de peito aberto, vivendo a lição que aprendeu nas ruas e nas aulas do Colégio Melo e Souza, pelos versos do poeta fundador da língua, que lhe passou a primeira lição de Aníbal para enfrentar as grandes lutas:

**“A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.”**

E é assim, pelejando, que tem participado de todas as lutas políticas, na ditadura e nesta difícil construção da democracia.

Na presidência do Tribunal de Ética da OAB e do Instituto dos Advogados está de peito aberto para a luta e a defesa da opinião. Opinião naquele sentido mágico que aprendeu nos versos famosos de seus antigos clientes Zé Kéti e João do Vale, pela voz daquela sua colega de Colégio Melo e Souza, Nara Leão:

**“podem me bater, podem me prender, que eu não mudo de
opinião”**

**“Mais coragem do que homem
Carcará
Pega, matá e come.”.**

Não bastassem todas essas lutas passadas, presentes e futuras, ainda se achou como torcedor do América, o que parece ser um castigo daquele anunciado por Manuelzão, dos delírios de Guimarães Rosa, **“Quem castiga nem é Deus, é os avessos.”**

É assim que os combatentes se encontram: a medalha na moldura de um peito.

Hoje a luta não é menor.

Tudo que aconteceu na ditadura deve ser lembrado para não acontecer de novo.

A defesa de qualquer preso é sagrada. A figura do preso deve ser protegida todo tempo. Algemas não devem ser usadas para exibição pública. O preso não pode ser exposto para a mídia.

O escritório do advogado é inviolável.

A anistia há de ser sempre defendida. Os que foram a favor do golpe militar, os que defenderam a ditadura foram e continuam sendo contra a anistia.

Para essa luta interminável, Paulo Saboya está pronto e de peito aberto.

Diante de cada desafio, estou certo que ele dirá como manda o poeta da sua geração, Chico Buarque:

“Vou para a rua e bebo a tempestade.”

Humberto Jansen Machado